



*Por uma cultura de paz*

## **123. RedeUnaViva: Meditação Cristã 123 – paragem 222 – 22.01.2017**

MATEUS 17:22-23; MARCOS 9:30-32; LUCAS 9: 43b-45

### **O PRENÚNCIO REPETIDO DO SUPLÍCIO**

#### **Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

1. Por que não entenderam os discípulos a profecia de Jesus quanto ao seu suplício?

#### **Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

2. O que a morte do Cristo tem a ver com a meditação ou com a libertação que a meditação prepara e denuncia?

#### **123.1 Introdução: Refazendo os últimos passos deste retiro.**

Depois do seu retiro particular, lá pelas terras de Betsaida, prontificou-se Jesus para se anunciar como o Cristo – o Messias que haveria de vir. Não precisou fazê-lo diretamente, já que esta foi antecipada pela intuição de Pedro (**MC-116**). Mas para a segunda notícia, o lado sombrio da revelação, este não se mostrou tão preparado. Pelo contrário, a *pedra de esquina* da ocasião inicial, fundação da sua *Iglesia*, transformou-se em *pedra de tropeço*. O conteúdo da segunda revelação, o martírio do calvário, era por demais esquisito para não comportar oposição dos seus íntimos. Simão, uma vez mais, tomou à frente e foi repellido (**MC-117**). O sacrifício culminante somente se tornou peça indispensável da jornada do Cristo por conta da hostilidade perversa que tomou conta do ser humano, recém emerso da animalidade. Expressava-se fortemente à época, como ainda campeia na sociedade atual. Jesus bem pontuou os quatro passos do martírio: 1) *subir* a Jerusalém; 2) *ser rejeitado* pelos principais sacerdotes e escribas; 3) *ser assassinado*; 4) e por fim, *despertar* no terceiro dia. O último passo era pouco entendido.

Pedro fora apenas um porta-voz do grupo e da reação adversa dos cristófilos, imaturos para assimilar o significado da *via-crucis*. Tal reação exigiu que o Cristo apresentasse os quatro quesitos do discipulato: 1) querer aderir à causa; 2) negar a si mesmo; 3) tomar sua cruz; 4) e segui-lo (**MC-118**).



### *Por uma cultura de paz*

Jesus é o Cristo, o Messias da Boa Nova, que assume a condição de, na arena humana, ser o cordeiro de Deus, pronto para o sacrifício. Convida aos sensíveis – todos aqueles que Deus lhe entregou para apascentar – a seguir seus passos.

Transfigura-se à frente dos três escolhidos, Pedro, Tiago e João, formando com os dois notáveis – Moisés e Elias – o triunvirato luminoso, para pré-configurar, no Tabor, o fulgor da ressurreição. Criava, assim, uma experiência viva, ilustração do quarto passo, pouco entendido, do prenúncio (MC-119).

Ainda passariam, sua explicação sobre a reencarnação de Elias como João Batista (MC-120) e a cura do jovem endemoninhado (MC-121 e MC-122), antes de verbalizar a repetição do martírio – tema desta Meditação Cristã. Isto ocorre na sua volta para Cafarnaum, feita com bastante discrição. Dispõe-se a oferecer mais esclarecimentos sobre sua doutrina, mas apenas em ambiente reservado. Está preparando sua subida para a Judéia, onde iniciará seu ministério derradeiro.

Os três sinóticos, em dois, três versículos, nos dão conta do ocorrido. Aprendamos com sua análise.

123.2 Evangelho-parte 1: Jesus repete aos discípulos seu destino iminente. (Mt, Mc, Lc)

<b>Mateus 17:22-23</b>	<b>Marcos 9:30-32</b>	<b>Luc. 9:43b-45</b>
<b>22. Enquanto eles atravessavam a Galileia, disse-lhes Jesus: "O Filho do Homem está para ser entregue às mãos dos homens,</b>	<b>30. E partindo daí, passou através da Galileia e não queria que ninguém (o) soubesse</b>	<b>43. ... Admirando-se todos sobre tudo o que Jesus fazia disse a seus discípulos:</b>
<b>23. e eles o matarão, e ao terceiro dia ele despertará". E (eles) entristeceram-se grandemente.</b>	<b>31. pois ensinou a seus discípulos e disse: "o Filho do Homem é entregue às mãos dos homens e eles o matarão; e, tendo morrido, ao terceiro dia ele se levantará".</b>  <b>32. Eles não compreenderam essa palavra, mas receavam interrogá-lo.</b>	<b>44. "Colocai estas palavras em vossos ouvidos: pois o Filho do Homem está para ser entregue às mãos dos homens".</b>  <b>45. Eles porém não entenderam essa palavra e foi velada para eles, para que não a percebessem; e</b>



*Por uma cultura de paz*

		eles receavam perguntar-lhe a respeito dessa palavra.
--	--	---

1. Nesta travessia pela Galileia, evitava Jesus que soubessem da sua andança.
2. Admiravam-se ainda os discípulos das suas ações, quando lhes disse: “colocai estas palavras em vossos ouvidos”.
3. O Filho do Homem está para ser entregue às mãos dos homens. Eles o matarão, e ao terceiro dia ele despertará”.
4. Porque essa palavra ficou velada, eles não a entenderam. No entanto, recearam de lhe perguntar a respeito e grandemente se entristeceram.

### 123.3 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

#### **1. Por que não entenderam os discípulos a profecia de Jesus quanto ao seu suplício?**

Primeiramente não entenderam os discípulos a profecia do seu Mestre por conta do próprio paradigma de que ele era portador. Desafiava, ao extremo, a lei vigente, os costumes sociais, o olhar para si.

Se analisarmos com cuidado o Sermão do Monte com a mentalidade da época, entenderemos o grande problema que aquele povo enfrentou para assimilá-la, mesmo os seus íntimos já aderidos à causa pelo tanto testemunhado. Na atualidade, nossa cultura não conseguiu aplicar sua mensagem com a intensidade suficiente para varrer da face da Terra os absurdos da desigualdade. No entanto, o Evangelho não é mais a novidade da primeira hora. Muitos exemplos já se materializaram demonstrando a grandeza da sua força, tornando-o mais receptivo aos raciocínios vulgares. Mesmo assim sua assimilação genuína e difusa não aconteceu.

A recomendação do perdão, para citar um princípio, era totalmente contrária à ideologia prevalente. Deste modo, sua exortação, de tão radical, soou como proposta covarde. Era lícito responder o mal com o mal similar, fazendo parte da lei, o dente por dente e o olho por olho. Indicar amor aos adversários e oração pelos que nos perseguem confrontava-se com o conceito limitado da justiça, difícil de arredar. A desigualdade coadunava-se com a escravidão, contemplada oficialmente. A sociedade se dividia em castas, enquanto a mulher era relegada a papel secundário, sem voz ativa. Os prisioneiros de guerra deveriam se tornar escravos dos vencedores, a quem se delegava o direito da sua posse. Todos almejavam o pódio para que, superiores e endeusados, prevalecessem sobre os demais, com privilégios especiais. Até mesmo os judeus não tinham entendido seu lugar de povo escolhido. Consideravam-se preferidos de Deus para reinarem dentro do mesmo princípio acima descrito. Não adentraram o significado de nação-guia, que lhes cabia exercer, para o despertar de uma religiosidade ímpar na Terra. Detinham profunda intuição sobre a unicidade de



*Por uma cultura de paz*

Deus e da propriedade de louvá-lo em espírito, sem o uso de quaisquer imagens e objetos. Esta era a riqueza da sua diferenciação.

Ainda prevalece na nossa sociedade, apesar das mudanças ocorridas nesses dois mil anos, a lei do mais forte com vantagens para a elite, seja intelectual, econômica ou política. Naquela época era lícito ao Estado soberano expandir território e divisas para ter incrementado seu poder. Roma foi este Império. Na atualidade, o poder se dividiu para os integrantes do consórcio dominante. O G-7, como o grupo dos sete países mais ricos do planeta, coordena a política econômica e monetária mundial. Apesar da existência da ONU, da Declaração dos Direitos Humanos, a gestão deste grupo, visando transferir recursos para os países pobres, não consegue de fato extinguir as grandes mazelas da humanidade. Como consequência, sua hegemonia prevalece. Mas não os únicos responsáveis pelo desatino social.

Todos nós estamos envolvidos, apesar de ser mais cômodo acusar o outro. Com base na lei da reencarnação, os lugares de administração da nossa macro e micro sociedade são ocupados em regime de rodízio. Governantes e governados alternam suas posições. Enquanto o egoísmo prevalecer no coração do ser humano, aquele que detiver o poder, seja quem for, comprometerá a fluência da igualdade e do bem-estar geral. Tenderá atrair para si, ou para seu grupo, privilégios, na falsa argumentação casuística do merecimento. Por isto, estejamos certos da identidade daqueles capazes, de fato, de cooperarem para a vigência de uma nova ordem social. São aqueles que, no nível pessoal, estão promovendo sua saúde física e espiritual; no campo da família, a harmonia entre os seus; e no ambiente da ação social, estão se guiando pela filosofia do voluntariado. Enquanto não houver na pessoa a disposição de servir sem visar recompensa e de doar algo além da sua responsabilidade, seu discurso será meta para o outro, ou teoria com pouca prática. E sem a própria ação, não há revolução que dê conta da mudança que se faz necessária.

Contudo, a nova ordem do Cristo já esclarecia: “quem quiser ser o maior no reino de Deus que seja, agora, o servidor de todos”. Seu código de ética estabelece a igualdade de direitos para todos, e o amor, como o sentimento régio das relações. Seu desafio foi ilustrado: o de oferecer a outra face diante da violência, de andar dez mil passos quando mil era o solicitado, de dar a túnica quando o pedido fosse o manto. Fora promulgada extremada mudança na adoração a Deus. Não exclusiva ao templo ou no sábado, mas em todos os instantes e lugares, na relação direta com o próximo e íntima consigo. Se Jesus não se prontificasse a exemplificar suas máximas, faltaria consistência à sua doutrina.

Defendeu-as com gestos e atos, discurso direto e de réplica. Depois de ter realizado tudo que deveria – hora esta que se aproximava – expôs-se para o julgamento daqueles que careciam de credenciais para julgá-lo. Submeteu-se a este paradoxo. Não os combateu, nem mesmo com o verbo. Silenciou-se.



*Por uma cultura de paz*

Sua magna lição, antecipada para se tornar mais palatável aos seus queridos, era muito difícil para ser assimilada. Desta segunda vez, não houve o levante de Pedro, apenas a tristeza varreu em derredor e pôs seus discípulos cabisbaixos, acabrunhados e soturnos, diante daquele destino incompreensível. Era mesmo muito difícil entender sua profecia do *sacro-ofício*.

**Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

**2. O que a morte do Cristo tem a ver com a meditação ou com a libertação que a meditação prepara e prenuncia?**

Mestre divino, busco transpor para minha realidade atual a tua morte anunciada aos apóstolos naquela distante Palestina. O Filho do Homem seria entregue às mãos dos homens, padeceria muitas atrocidades, até mesmo pelos presbíteros, os sacerdotes mais experimentados.

Pergunto-me como meu pseudoconhecimento espiritual, tal como daqueles fariseus, me impede de tê-lo vivo comigo. Por que força, esta ignorância me afasta da tua mensagem que me chega à mente em vários momentos do dia? Por que isto acontece, se tua orientação já foi elegida, com consciência, como diretriz guia?

Para evitar que o julgamento do sinédrio se repita no meu íntimo, preciso estar atento, principalmente nas horas calorosas, quando o impulso primário do ego salta à frente como condutor-chefe.

Do contrário, te mato em mim pela ignorância que transborda. Não é difícil dela prevalecer, já que de costume é minha falsa identidade que assume o mandato.

Preciso re-escutar e sopesar as condições do teu discipulato. Detenho-me no negar a mim mesmo.

Se não me dedicar a este labor, vou me nutrir com os alimentos das sensações e emoções, e com eles me embriagar na névoa dos prazeres fáceis que aniquilam o espírito. Ter, como consequência, tua presença expulsa.

Passo adiante e ouço o terceiro quesito.

Tomar a cruz implica em saber das condições difíceis que carrego na jornada. São elas professoras diferentes que me obrigam a reflexão, se escolho contenção e parcimônia como respostas imediatas. A espontaneidade, tantas vezes, infelizmente, não é a do Ser. Aceito tua cruz, o fardo e o jugo, pois já entendi a reencarnação como processo de reeducação da alma.

Os relacionamentos são os maiores desafios. Estimulam-me a cooperar para o bom funcionamento dos grupos onde estou. Batalho neles pela atitude amorosa visando a paz como resultado.



### *Por uma cultura de paz*

Se praticar estas duas condições do discipulato na vida cotidiana e na hora da meditação, estarei me preparando, depois de ter te matado inúmeras vezes em mim, para o teu despertar glorioso. Vem ele, agora nesta oração, simples e silencioso, mas vem. Devagar e gradativo vai renascendo.

Se no primeiro dia te crucifiquei e no segundo padeci da tristeza de te perder e pelo labor de te buscar de novo, no terceiro, sou feliz, pois tu vens e não mais anuncia a morte, mas a vida imanente

#### **123.4 Versículo(s) para a meditação:** Mateus 17:22-23

22. Enquanto eles atravessavam a Galileia, disse-lhes Jesus: "O Filho do Homem está para ser entregue às mãos dos homens,

23. e eles o matarão, e ao terceiro dia ele despertará". E (eles) entristeceram-se grandemente.

**RedeUnaViva: Meditação Cristã 124 – paragem 223 – 29.01.17**  
**MATEUS 18:1-5; MARCOS 9:33-37; LUCAS 9:46-48**